



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA UFSC
CENTRO DE COMUNICAÇÃO E EXPRESSÃO CCE
DEPARTAMENTO DE JORNALISMO**

MATHEUS MANOEL LOBO PISMEL

RODRIGO SIMÕES CHAGAS

Colômbia: movimentos pela paz

Relatório do Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Jornalismo, do Centro de Comunicação e Expressão, da Universidade Federal de Santa Catarina, como requisito parcial para a aprovação na disciplina **Projetos Experimentais**, ministrada pela **Profa. Gislene Silva**, no segundo semestre de 2013.

Orientadora: Prof^a Gislene Silva

Florianópolis
Novembro de 2013

AGRADECIMENTOS

Às mães, aos pais e à irmã, aos amigos e às namoradas, pelo apoio, consolo e paciência. À professora Gislene Silva, pela orientação e aprendizado. Aos companheiros colombianos que dedicam suas vidas à paz, por *compartir*. A Mauricio Avilez, por acreditar e viabilizar nosso trabalho.

RESUMO

Desde outubro de 2012, governo colombiano e FARC dialogam em Havana, Cuba, buscando pactuar o fim de um conflito interno armado que dura mais de 50 anos. Os movimentos sociais encaram este momento como uma oportunidade de unir forças em plataformas amplas de esquerda como a Marcha Patriótica, fundada em abril daquele ano. Protagonizada por camponeses, estudantes e líderes de esquerda, a Marcha é um movimento político e social que pretende disputar o poder no país em um possível cenário de paz. A partir de histórias dos principais movimentos sociais colombianos, de pesquisa documental e de entrevistas com especialistas, este livro traz três grandes reportagens (universidades públicas e movimento estudantil; questão agrária e movimento camponês; participação política e direitos humanos) para oferecer ao leitor a visão de como a esquerda está se organizando e quais são suas implicações na conjuntura política da Colômbia.

Palavras-chave: Colômbia, paz, movimentos sociais, América Latina.

SUMÁRIO

1. ESCOLHA DO TEMA	5
2. CONTEXTO HISTÓRICO	9
3. PROCESSO DE PRODUÇÃO	15
3.1. Apuração	17
3.1.1. Informes, documentos e estudos	18
3.1.2 Entrevistas	21
3.1.2.1 Entrevistas agendadas	21
3.1.2.2 Entrevistas durante eventos	28
3.1.2.3 Entrevistas por e-mail	30
3.1.3 Eventos	30
3.3 Redação e edição	35
3.4 Custos	40
4. APRENDIZADO	42
5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	45

1. ESCOLHA DO TEMA

Com a ascensão dos governos de esquerda e/ou progressistas na América do Sul e as políticas de enfrentamento adotadas por alguns deles, os Estados Unidos viram sua influência diminuir na região. As recentes intervenções na Colômbia tornaram-se, então, de extrema importância para os EUA e confirmam a função estratégica do continente como fonte de recursos naturais, produtos primários e mão-de-obra barata.

Na contramão da América Latina, o governo do presidente Álvaro Uribe (2002-2010) estreitou as relações entre Colômbia e EUA, com avanços fundamentais em acordos militares. A Colômbia é um país com saídas tanto para o Pacífico quanto para o Caribe e com quase 500 mil km² de Amazônia, o que lhe confere especial importância geopolítica e estratégica. Com a assistência do Pentágono, o Exército colombiano tornou-se o maior e o mais bem equipado, relativamente, da América do Sul. Para cobrir um território de 1,1 milhões de km², habitado por 46,9 milhões de pessoas, a Colômbia possui um contingente militar de 208,6 mil efetivos. Enquanto no Brasil, país com território sete vezes maior e quatro vezes mais populoso, o efetivo das forças armadas é de 287,9 mil militares. (BANDEIRA, 2009, p. 61-2).

A conclusão de Bandeira sobre o papel exercido pela Colômbia na política internacional dos EUA é de que “o objetivo estratégico imediato dos Estados Unidos é armar e mover a Colômbia como importante peça no xadrez da América do Sul, é

fazê-la um *pivot country*, um enclave, como Israel no Oriente Médio, contrapondo-a à política de integração regional...” (BANDEIRA, 2009, p. 65).

O movimento político e social colombiano Marcha Patriótica corrobora com a visão de Bandeira, partindo do pressuposto de que o país não é e nunca foi efetivamente um país independente. O movimento tem como lema principal “promover a segunda e definitiva independência”. Desta vez, o império em questão são os Estados Unidos. Na América do Sul, a Colômbia é um dos últimos territórios estreitamente alinhados às políticas desenhadas pelos EUA para os países da região. O desalinhamento, isto é, “a segunda e definitiva independência”, poderia representar, não somente para a Colômbia, mas, sob a perspectiva de integração regional, para toda a América Latina, uma real possibilidade de desenvolver-se sem a dependência direta de qualquer nação desenvolvida.

Entendemos que a mídia brasileira em geral pouco se dedica a temas latino-americanos. No caso da Colômbia, por exemplo, a cobertura normalmente se resume a notícias de confrontos ou negociações entre o governo e as FARC ou o ELN. Estes últimos, não raramente, aparecem classificados como grupos terroristas¹. Não

¹ <http://www.estadao.com.br/noticias/impreso,eln-intensifica-acao-terrorista-na-colombia-,937503,0.htm>

¹ <http://www.estadao.com.br/noticias/internacional,para-uribe-negociacoes-de-paz-com-as-farc-comecam-mal,926954,0.htm>

¹ <http://veja.abril.com.br/blog/ricardo-setti/politica-cia/colombia-vejam-o-enorme-desprezo-do-dirigente-das-farc-pelo-sofrimento-causado-pelos-terroristas/>

há espaço para tratar da universalidade² do assunto, ou mesmo, para uma simples contextualização histórica que forneça ao leitor uma compreensão mais ampla. Mostra-se a Colômbia como um país produtor de drogas e dominado pelo narcotráfico³. Das intervenções estadunidenses, sabe-se que são justificadas exclusivamente pela luta liderada mundialmente pelos EUA contra as drogas.

O surgimento da Marcha Patriótica e a movimentação popular na Colômbia para inaugurar uma era pacífica no país é assunto que interessa tanto por seu caráter local - a importância desse processo para a Colômbia -, quanto pelo caráter global - a oportunidade de levar a cabo o projeto de união latino-americana cunhado por Simón Bolívar, no século XIX.

Eduardo Galeano, em *As veias abertas da América Latina*, remonta o cenário da independência dos estados latino-americanos, no início do século XIX, para explicar o fracasso da união continental proposta por Bolívar. Segundo ele, a América Latina aparecia no cenário histórico enlaçada por tradições herdadas do império, com unidade geográfica e com dois idiomas da mesma origem, o português e o espanhol. O que nos faltava era a comunidade econômica, condição essencial para uma união efetiva. Comunidade que nunca alcançamos, mas que é a chave para a

² Conceito desenvolvido por Adelmo Genro Filho em *O Segredo da Pirâmide: para uma teoria marxista do jornalismo*

³ <http://www1.folha.uol.com.br/mundo/1155679-chefe-do-narcotrafico-colombiano-e-presos-na-venezuela.shtml>

³ <http://www.estadao.com.br/noticias/impresso,limites-do-combate-as-drogas-,924812,0.htm>

descolonização definitiva, julga Galeano. “A América Latina nascia como um só espaço na imaginação e na esperança de Simón Bolívar, José Artigas e José de San Martín, porém estava dividida de antemão pelas deformações básicas do sistema colonial” (GALEANO, 1983, p. 278). Comparar o momento histórico narrado pelo escritor com o atual cenário latino-americano nos parece inevitável. Seja para os EUA manterem sua influência de metrópole, seja para a perspectiva de integração econômica da região, o futuro da Colômbia deve ser decisivo.

Tendo em vista esse cenário promissor e a cobertura apática da imprensa brasileira, nosso livro-reportagem pretende levar aos leitores brasileiros informações de dentro dos movimentos sociais colombianos e aspectos do cenário político daquele país ignorados pelos principais meios de comunicação. A formação da Marcha Patriótica, uma grande frente de esquerda, até o momento não noticiada com profundidade no Brasil, pode servir como exemplo para movimentos sociais e políticos, atualmente fragmentados e desconectados da sociedade brasileira.

2. CONTEXTO HISTÓRICO

Em 20 de julho de 2010, a Colômbia comemorou seu bicentenário de independência da Espanha. Para o mesmo dia, alguns movimentos sociais convocaram uma contramarcha, paralela às festividades oficiais. O protesto, que ganhou o nome de Marcha Patriótica do Bicentenário, tinha o objetivo de mostrar ao governo do então presidente Álvaro Uribe que, "sem alguns direitos fundamentais, e sem soberania, é impossível ter independência"⁴. Em nota enviada à imprensa, os organizadores também afirmaram que "esta é uma marcha pela independência, contra o colonialismo e a intervenção estrangeira na Colômbia."⁵

Hoje a Colômbia é um dos países latino-americanos com maior intervenção estadunidense, junto com o México. "O governo colombiano tem hoje os EUA como principal mercado para suas exportações, tendo enviado 38% de sua produção ao território norte-americano em 2008."⁶ O país é ainda o terceiro maior exportador de petróleo e derivados para os Estados Unidos, atrás apenas de Venezuela e México. Das 18 empresas que extraem o óleo na Colômbia, 11 são estadunidenses (BANDEIRA, 2009, p. 58).

4

<http://operamundi.uol.com.br/conteudo/noticias/5173/conteudo+opera.shtml>

⁵ http://www.latercera.com/contenido/678_277540_9.shtml

6

<http://operamundi.uol.com.br/conteudo/noticias/5150/conteudo+opera.shtml>

ml

Além das relações comerciais (Colômbia e EUA fecharam acordo de livre comércio em maio de 2012⁷), os países mantêm uma série de tratados de cooperação militar, oficialmente justificados como medidas de combate ao narcotráfico. Em 2009, os dois governos firmaram convênio que autorizava a utilização de sete bases militares colombianas pelos EUA, além da presença de 800 militares e 600 civis estadunidenses que trabalhariam para Washington, e da permissão para operações em aeroportos comerciais.⁸

A possibilidade de utilização das bases militares colombianas dá aos Estados Unidos autonomia suficiente para realizar operações aéreas dentro da América do Sul. “Não há dúvida de que o propósito de ocupar militarmente a América do Sul, usando tanto quanto possível as forças militares dos próprios países hospedeiros, a fim de assegurar o controle sobre suas reservas de petróleo, água e biodiversidade [...] transcende o combate ao narcotráfico e ao terrorismo, definido por Washington conforme suas conveniências” (BANDEIRA, 2009, p. 61).

Enquanto isso, grande parte da população colombiana segue desassistida pelo governo. De acordo com o coeficiente de Gini⁹, o

⁷ <http://www1.folha.uol.com.br/mundo/1090399-entra-em-vigor-tratado-de-livre-comercio-entre-colombia-e-eua.shtml>

⁸ <http://g1.globo.com/Noticias/Mundo/0,,MUL1360783-5602,00-EUA+E+COLOMBIA+ASSINAM+POLEMICO+ACORDO+DE+COOPERACAO+MILITAR.html>

⁹ Índice de desigualdade social desenvolvida pelo estatístico italiano Conrado Gini em 1912.

país é o terceiro mais desigual da América Latina, atrás apenas de Guatemala e Honduras. Em 2009, mais de 20 milhões de colombianos viviam abaixo da linha da pobreza, 45% do total da população.¹⁰

Como se a pobreza não bastasse, os colombianos vivem há mais de 50 anos uma guerra civil entre guerrilhas revolucionárias e Estado - em setembro deste ano, as Forças Armadas Revolucionárias da Colômbia (FARC) e o governo abriram, pela quarta vez, as negociações pela paz.

Nesse contexto, o movimento social e político Marcha Patriótica foi criado, em 22 de abril de 2012, como uma alternativa para a construção de poder popular. Na declaração de fundação, o movimento afirma a decisão política de

luchar por un nuevo modelo económico, de Estado y de sociedad, que posibilite la transformación estructural del modo de vida y de producción, permita garantizar y materializar los derechos humanos integrales, dignificar y humanizar el trabajo, reparar integralmente a las víctimas de la violencia y terror estatal y paramilitar, organizar democráticamente el territorio, realizar reformas agraria y

¹⁰ <http://en.mercopress.com/2010/05/04/almost-half-of-43.7-million-colombians-live-below-the-poverty-line>

urbana integrales, emprender las correspondientes transformaciones socioculturales, dignificar el arte y la cultura, luchar por un nuevo orden internacional basado en los principios de la soberanía, la no intervención, la autodeterminación y el internacionalismo de los pueblos, y contribuir a la integración de Nuestra América.¹¹

Não é a primeira vez que os movimentos sociais de esquerda se articulam para criar uma frente popular na Colômbia. Em 1984, com o tratado de paz assinado pelo governo de Belisario Betancur, as guerrilhas revolucionárias baixaram as armas e entraram na vida política institucional. Foi formada a União Patriótica (UP) - partido político idealizado pelas FARC.

“A intenção da guerrilha era, junto com outros partidos e movimentos democráticos, ingressar na vida política legal.” Com o cessar-fogo das guerrilhas, os paramilitares, financiados pela elite econômica e com suporte estatal, iniciam uma verdadeira caça às bruxas. “Uma tragédia para três mil militantes, simpatizantes e dirigentes da UP, vítimas de esquadrões paramilitares. Poucos, realmente, pertenciam às FARC” (OSPINA, 2010, p.17).

¹¹ <http://www.marchapatriotica.org/marcha-patriotica/documentos/declaracion-politica>

Outra tragédia - que remonta as origens da UP - foi o chamado *Bogotazo*, em 1948, uma insurreição popular a partir do assassinato de Jorge Eliécer Gaitán, que resultou em dez anos de conflitos internos nos quais morreram cerca 180 mil colombianos e duraram até a deposição do general Rojas Pinilla (GALEANO, 1983, p. 115). Esse período ficou conhecido como *La violencia*.

Político do Partido Liberal (então adversário do Partido Conservador), Gaitán “tinha ganhado um formidável prestígio popular e ameaçava a ordem estabelecida; quando o assassinaram a tiros, desencadeou-se o furacão” (GALEANO, 1983, p. 115), polarizando ainda mais os dois maiores partidos colombianos.

“A violência começou como um enfrentamento entre liberais e conservadores, mas a dinâmica do ódio de classes foi acentuando cada vez mais seu caráter de luta social” (GALEANO, 1983, p.115). Perdendo o controle político de uma só vez, liberais e conservadores se viram obrigados a compor uma aliança. Em 1958, criaram a Frente Nacional, pacto que previa a alternância entre os dois partidos na presidência, a cada quatro anos, e a manutenção de paridade no Legislativo.

Os guerrilheiros sobreviventes de *La violencia* se refugiaram nas montanhas, no interior do país, e, como as políticas da Frente Nacional favoreceram a expansão dos latifúndios, muitos outros camponeses ficaram sem terra e se integraram à luta armada. As décadas de 1960 e 1970 foram marcadas pelo fortalecimento dessas guerrilhas revolucionárias (as FARC foram fundadas em 1964).

Na década seguinte, portanto, a UP torna-se a primeira grande tentativa de tomada de poder pelas vias institucionais. Planos frustrados por mais repressão. “Tão somente em quatro anos foram assassinados quatro candidatos à presidência: Jaime Pardo Leal (1987), Luis Carlos Galán (1989), Carlos Pizarro e Bernardo Jaramillo (1990). [...] Estranha concepção do que é uma democracia” (OSPINA, 2010, p. 17). No início dos anos 1990, as organizações guerrilheiras voltaram à luta armada.

As incertezas sobre a Marcha Patriótica e a recente reabertura dos diálogos de paz, entre FARC e Estado, remontam um cenário parecido com aquele protagonizado pela UP - e que teve fim trágico. Desta vez, porém, outras condicionantes reforçam a luta política da nova frente de esquerda: a crise sistêmica do capitalismo global, a maior integração latino-americana e a opinião pública favorável à solução dialogada do conflito interno armado.

3. PROCESSO DE PRODUÇÃO

O pré-projeto foi elaborado no segundo semestre de 2012 e exigiu cerca de dois meses de levantamento bibliográfico e pesquisa em portais de notícias. Concluída essa etapa, fomos a Porto Alegre para fazer um roteiro de viagem e de trabalho com o amigo e porta-voz da Marcha Patriótica no Brasil Mauricio Avilez. Estivemos um dia inteiro reunidos com Mauricio, que prometeu todo o empenho da Marcha Patriótica em facilitar nosso trabalho na Colômbia, articulando viagens dentro do país, bem como nossa acomodação. Foi também nesse dia que definimos o período de 45 dias de apuração para dar conta de uma agenda pretensiosa de entrevistas.

Chegamos a Bogotá em 20 de fevereiro e no mesmo dia iniciamos a apuração, participando do lançamento das Constituintes pela Paz. Antes disso, passamos por Cuba, Venezuela e litoral norte colombiano, nas cidades de Barranquilla, Santa Marta e Cartagena. Em Bogotá, quem nos recebeu foi Érika Santana Henker, colombiana militante do Partido Comunista e membro da Marcha Patriótica. Ela ficou responsável por mediar nossos primeiros contatos com fontes e nos ajudar a conseguir uma estadia fixa em Bogotá, com segurança e estrutura mínima para que pudéssemos trabalhar. Foi ela quem articulou com um casal de amigos, um pequeno quarto que alugamos pelo preço simbólico de 400 reais, por quase dois meses. Antes de conseguirmos um local fixo, passamos alguns dias em um hostel.

O planejamento que havíamos feito com no Brasil foi praticamente todo alterado pelas circunstâncias em Bogotá. Com pouco tempo, já havíamos adquirido um celular com plano de acesso de dados para acesso à *web*, que nos garantiu a possibilidade de fazer ligações para marcar entrevistas e também o fundamental acesso à internet em casa. Assim começamos a caminhar com as próprias pernas. Além de Érika, que nos ajudou sempre que pôde do começo ao fim da nossa estadia, Caliche, do PCC e David Garzón, do coletivo estudantil Consciência Crítica nos facilitaram alguns contatos. Este último, conhecido como Faca - menção a sua cidade natal, Facativá - foi, além de um ótimo contato, um grande amigo.

Antes de viajarmos, Mauricio já nos havia alertado em relação a uma série de precauções de segurança que tínhamos de ter na Colômbia. Praticamente todos os nossos entrevistados colombianos já passaram por situações de risco e até de violência (ameaças, judicializações, atentados) por sua atuação social, política ou acadêmica. Por isso, passamos a andar e nos portar sempre com precaução. Para poucas pessoas abríamos o que realmente fomos fazer no país; na maioria dos casos, exceto no trato direto com as fontes, era mais prudente parecer turista do que jornalista. O medo permanente com que os colombianos têm de viver chegou a nos proporcionar episódios de paranoia. Até hoje não sabemos qual o nosso verdadeiro grau de segurança que tivemos na Colômbia.

Conseguimos viabilizar de fato apenas parte das viagens que planejávamos, muito em função do alto custo de deslocamento que,

diferente do que pensávamos inicialmente, teríamos de bancar do próprio bolso. Ainda assim, além do norte caribenho, estivemos na região do Magdalena Medio, um dos epicentros do conflito armado no país; em San Vicente del Caguán, cidade que já sediou diálogos de paz entre guerrilhas e governo, entre 1998 e 2002, onde fomos acompanhar um encontro de Zonas de Reserva Camponesa; e em La Jagua, um pequeno povoado de cerca de mil habitantes, na região de Huíla, que faz parte da área que deve ser inundada para a construção de uma represa hidrelétrica. Com exceção da viagem para San Vicente del Caguán, em que conseguimos uma carona com a Associação Nacional de Zonas de Reserva Camponesa (Anzorc) através da intermediação do coordenador César Jeréz, para todas as outras viagens tivemos que arcar com os custos de deslocamento.

Ainda na Colômbia, notamos que as questões educativa e rural eram as mais efervescentes, além dos diálogos de paz de Havana entre o governo de Juan Manuel Santos e a guerrilha das FARC. Nesse contexto, logo percebemos que a Marcha pela Paz com Justiça Social e Defesa do Público, convocada para 9 de abril, seria a principal mobilização social do semestre. Por isso atrasamos nossa volta para o Brasil da primeira para a segunda semana de abril.

3.1 Apuração

Durante os 52 dias em que estivemos em trabalho de apuração, entre 20 de fevereiro e 10 de abril, principalmente em Bogotá, tivemos uma rotina de trabalho cansativa. Normalmente,

utilizávamos os dias para realizar e marcar entrevistas e as noites para preparar as que estavam programadas para o dia seguinte. Em meados de março, criamos um blogue, em parceria com o pessoal da revista *Vírus Planetário*, e passamos a dedicar parte do tempo para alimentá-lo. De lá, também colaboramos com reportagens para *o Brasil de Fato*, *o Brasil 247*, *o Correio da Cidadania* e *o Opera Mundi* — trabalho que, em algumas oportunidades, foi remunerado.

A apuração foi baseada em documentos, entrevistas e vivências. As entrevistas, sobretudo as primeiras, serviram para começar a entender mais profundamente o complexo cenário político e social do país. Foi ampliando essa compreensão que logramos readequar o planejamento para o formato atual.

3.1.1 Informes, documentos e estudos

Depois de chegarmos ao Brasil, conforme íamos estruturando as reportagens, sentimos a necessidade de buscar documentos oficiais e relatórios de credibilidade, pois os relatos de nossos entrevistados e a pesquisa do pré-projeto se mostraram insuficientes. No fim das contas, os informes foram essenciais tanto como fonte de informações quanto para a estruturação dos textos.

Lei alternativa de Educação Superior. Foi apresentada ao país em setembro de 2013, depois de dois anos de elaboração do documento por milhares estudantes através da MANE. A lei representa as

reivindicações do movimento estudantil que em 2011 que derrubou a reforma educacional do governo e decidiu construir a sua própria.

Desfinanciamento da Educação Superior na Colômbia. Publicado em 2012 pelo Conselho Nacional de Reitores, do Sistema Universitário Estatal, demonstra “a realidade da crise no sistema de financiamento das universidades estatais”. É o estudo que calculou a estimativa de déficit acumulado de 12,6 trilhões de pesos colombianos, desde 1994, ano em que entrou em vigor a atual Lei Geral de Educação Superior, a Lei 30.

Basta Já! Colômbia: memórias de guerra e dignidade. Apresentado em julho de 2013 pelo Centro Nacional de Memória História, instituição pública, é um informe que traz elementos para a construção da memória histórica do conflito armado interno. Causou grande repercussão na imprensa por contradizer, em certa medida, o discurso oficialista. Está dividido em seis partes: Dimensões e modalidades da guerra; motivos e transformações da guerra; guerra e justiça; danos e impactos sobre as vítimas; memórias dos sobreviventes; recomendações para a paz.

Colômbia rural, Razões para a Esperança. Publicado em 2011 pelo Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD), o informe escancara a realidade rural do país e apresenta dados que não haviam sido sistematizados pelo governo. No documento, a

ONU sustenta que para tirar milhões de colombianos da pobreza e diminuir a desigualdade entre campo e cidade é urgente uma “reforma rural transformadora”.

Mineração na Colômbia: fundamentos para superar o modelo extrativista. Apresentando, em maio de 2013, pela Controladoria Geral de República (CGR), o estudo ressalta a coincidência de zonas de violações graves aos direitos humanos com zonas de extração mineira e petroleira. Denuncia problemas ambientais e analisa os ingressos fiscais do extrativismo para o Estado colombiano. As informações apresentadas questionam, sobretudo, o modelo de desenvolvimento da “locomotora mineiro-energética” do governo Santos.

O risco de voltar para casa: violência e ameaças contra retirantes forçados que reclamam restituição de suas terras na Colômbia. Divulgado em setembro de 2013 pela ONG Human Rights Watch (HRW). Foram documentados assassinatos, ameaças de morte e novos casos de deslocamento forçado, que estão relacionados com os pedidos de restituição de terras dos camponeses retirantes.

Zonas de Reserva Camponesa: elementos introdutórios e de debate. Publicado em 2012, o estudo elaborado pelo Instituto Latino-americano para uma Sociedade e um Direito Alternativo e Instituto Colombiano de Desenvolvimento Rural (Incoder). O

documento faz recorrido da crise produtiva e social do campo colombiano; apresenta a construção histórica e os marcos jurídicos de criação das Zonas de Reserva Camponesas; analisa a situação daquelas ZRC que já estão constituídas; e, por fim, seguindo a cronologia, apresenta o momento atual dessa figura jurídica e os desafios para sua consolidação.

3.1.2 Entrevistas

Foram feitas 26 longas entrevistas marcadas antecipadamente. A maioria delas foi previamente escolhida ainda no Brasil e outras foram indicadas conforme trabalhávamos na Colômbia. Também entrevistamos outras pessoas em alguns eventos que participamos. Boa parte dessas foram mais relevantes do que algumas entrevistas marcadas antecipadamente. No total foram 36,7 horas de entrevistas gravadas. Depois de voltarmos, ainda entrevistamos duas fontes por e-mail para completar informações que ficaram pendentes.

3.1.2.1 Entrevistas agendadas

Andrés Gil. Um dos quatro porta-vozes do movimento social e político Marcha Patriótica e líder destacado da Associação Camponesa do Vale do Rio Cimitarra (ACVC), a mais expressiva do movimento camponês colombiano. Em setembro de 2007, foi preso por suposto vínculo com as FARC. Foi liberado apenas dois anos depois, por falta de provas. Em 2010, Gil ganhou o Prêmio Nacional

de Paz, criado pelo Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD).

Carlos Lozano. Dirigente do Partido Comunista Colombiano (PCC), sobreviveu a duas tentativas de homicídio e uma tentativa de sequestro nos 1980, durante os assassinatos sistemáticos à União Patriótica, partido que nasceu das negociações de paz entre FARC e governo para disputar eleições e reintegrar os guerrilheiros à vida civil. Hoje Lozano também é um dos porta-vozes da Marcha Patriótica, além de diretor do jornal Voz, do PCC. É pré-candidato a deputado nas eleições de 2014.

Jairo Rivera. Principal nome da Federação de Estudantes Colombianos (FEU), que integra a Marcha Patriótica, e um dos porta-vozes da Mesa Ampla Nacional Estudantil (MANE), entidade unitária que representa a maioria dos setores do movimento estudantil colombiano. Em 2011, Rivera foi um dos principais nomes da MANE durante as mobilizações que acabaram derrubando a reforma educativa do presidente Juan Manuel Santos.

César Jeréz. Porta-voz da Associação Nacional de Zonas de Reserva Camponesa (Anzorc), que representa cerca de 50 organizações rurais e integra a Marcha Patriótica. Em março deste ano, foi o coordenador do III Encontro Nacional de Zonas de Reserva Camponesa (ZRC). Com o destaque do tema na agenda dos diálogos de Havana, Jeréz

ganhou projeção nacional por ser o principal interlocutor com a imprensa. Assim como Gil, ganhou destaque nos trabalhos com a ACVC.

Gustavo Gallardo. Advogado e um dos criadores, em 2005, da Fundación Lazos, que se dedica à defesa de presos políticos. Em 2011, participou da intermediação nos acordos humanitários entre FARC e governo, nos quais acompanhou a liberação de prisioneiros de guerra. Desde então, visita, como defensor de direitos humanos, os cárceres colombianos. É um dos responsáveis por uma pesquisa que estima cerca de 9.500 presos políticos. No início dos anos 2000, foi líder estudantil na Universidade do Atlântico, em Barranquilla, na costa caribenha. Teve que se mudar para Bogotá devido às ameaças paramilitares.

David Florez. Um dos fundadores da FEU enquanto estudava na Universidade Nacional (UN), de Bogotá, hoje é porta-voz da Marcha Patriótica e responsável pelo setor de jovens do movimento.

Gloria Inés Ramírez. Senadora pelo PCC desde 2006, também é sobrevivente do genocídio da UP. Professora, foi presidente da Federação Colombiana de Educadores (Fecode). Hoje se dedica no Senado à defesa da paz, das mulheres e dos direitos trabalhistas. Também é destaque na Marcha Patriótica.

Boris Duarte. Porta-voz do coletivo Identidade Estudantil e do movimento político Congreso de los Pueblos, frente de esquerda análoga à Marcha Patriótica. Também ganhou destaque com as mobilizações de 2011 da MANE, da qual também é um dos porta-vozes.

Patricia Ariza. 67 anos de idade e 45 de dedicação ao teatro, também foi uma das sobreviventes da UP. Foi perfilada pelo escritor uruguaio Eduardo Galeano em seu Livro dos Abraços, publicado em 1989. Hoje participa da direção da Marcha Patriótica e é uma das responsáveis pelo setor artístico e cultural.

Iván Cepeda. Deputado federal desde 2010 e filho do senador Manuel Cepeda Vargas, do PCC e da UP, assassinado em 1994 em uma ação conjunta de oficiais do exército e paramilitares. Junto a outros defensores de direitos humanos, Cepeda fundou em 2003 o Movimento Nacional de Vítimas de Crimes de Estado (Movice). É um dos principais denunciante das relações de chefes paramilitares com o ex-presidente Álvaro Uribe, especialmente desde a publicação do livro *A las puertas del Ubérrimo*, em 2008.

Carlos Medina Gallego. Professor de Ciência Política e um dos principais pesquisadores do conflito armado interno. Foi organizador dos fóruns sobre a questão das terras e sobre participação política, realizados pela UN e pelo Programa das Nações Unidas para o

Desenvolvimento (PNUD), em dezembro de 2012 e abril de 2013, para levar insumos da sociedade civil à mesa de diálogos de Havana. De longa trajetória no movimento social, hoje é considerado o biógrafo das guerrilhas devido às suas publicações.

Jhon Jairo Gutierrez. Advogado da Corporação Yurupari e membro do Comitê Permanente pela Defesa dos Direitos Humanos (CDPH). É estudioso da Lei de Justiça e Paz, que desmobilizou e anistiou paramilitares em 2005, durante o governo Uribe.

Francisco Tolosa. Professor de Ciência Política da UN e coordenador da comissão internacional da Marcha Patriótica. Nos últimos anos participou de visitas a Uruguai, Brasil, Argentina e países da Europa para visibilizar a questão dos direitos humanos na Colômbia e pedir respaldo dos governos e parlamentos para os diálogos de paz de Havana.

David “Faca” Garzón. Estudante de Engenharia Elétrica da UN e membro do coletivo Consciência Crítica, que integra a Marcha Patriótica. Atua em parceria com a Anzorc e a ACVC levando brigadas estudantis de apoio aos camponeses. Também participa do movimento estudantil através da MANE.

Chila Pineda. Professora da pós-graduação em Estudos de Gênero da UN, em Bogotá, e integrante da Comissão de Mulher e Gênero da

Marcha Patriótica. Participou da construção da UP desde o início, em 1985. Teve de exilar-se na Europa por oito anos.

Oscar “Guache”. Artista visual e professor universitário de design gráfico. Destacou-se por tentar recuperar a ancestralidade dos povos pré-colombianos na sua arte, como uma forma de engajamento social. Tem um importante trabalho com comunidades camponesas e indígenas, promovendo oficinas de pintura, coordenando a elaboração de grandes painéis coletivos. Também elabora cartografia social, em conjunto com pesquisadores das ciências sociais.

Jorge Enrique Botero. Fundador da Telesur e talvez o jornalista que mais tenha tido contato direto com os guerrilheiros das FARC. Produziu vários documentários e livros sobre a guerrilha e também sobre movimentos sociais colombianos.

Hernando Hernandez. Líder indígena da etnia Embera Chamí, deputado federal pela circunscrição especial indígena e membro da Marcha Patriótica.

Jairo Estrada. Doutor em economia, professor do departamento de ciências políticas da Universidade Nacional de Bogotá, coordenador do mestrado em Estudos Políticos Latino-americanos, coordenador do Grupo de Trabalho sobre “Economia mundial, economias nacionais e crise capitalista”, do Conselho Latino-americano de

Ciências Sociais. Estrada também é diretor do Instituto Latino-americano de Serviços Legais Alternativos, vinculado à Universidade Nacional.

Gabriel Becerra. Secretário político municipal do Partido Comunista Colombiano, em Bogotá. Aos 37 anos, Becerra tem larga carreira como dirigente estudantil e juvenil, vinculado à Juventude Comunista, na qual ingressou aos 14 anos de idade.

Ernesto “Segundo” Mora. Bancário, sindicalista desde 1990 e vinculado à Marcha Patriótica.

Jairo Rivera Morales. Ex-senador liberal e hoje integrante da Marcha Patriótica e coordenador nacional do movimento político Poder Ciudadano, ala à esquerda do Partido Liberal.

Gerardo Gonzáles. Fundador da Federação Nacional Sindical Agropecuária (Fensuagro), em 1976, e cofundador da CUT. Nascido na década de 1930, participou da resistência à ditadura de Rojas Pinilla na década de 1950. Por muitos anos esteve na direção nacional do Partido Comunista. Exilou-se na Bélgica durante os dois mandatos do presidente Uribe e hoje, por sua larga trajetória e experiência no movimento camponês, é conselheiro dos principais dirigentes. Também faz parte da Marcha Patriótica.

Marta Ruíz. Jornalista da revista colombiana de maior circulação, *Semana*, onde também atua como colunista política. Também é professora convidada da Fundação Gabriel García Márquez para o Novo Jornalismo Ibero-americano (FNPI).

Carolina Bautista. Professora, membro da direção nacional da Marcha Patriótica e encarregada da comissão nacional de educação do movimento. É uma das coordenadoras do movimento sindical de professores *Maestros em Marcha*.

Héctor Bermudez. Presidente da Central Unitária de Trabalhadores, de Bogotá. Bermudez é filiado ao Polo Democrático Alternativo e um dissidente o Partido Comunista Colombiano.

3.1.2.2 Entrevistas durante eventos

Juan Carlos Quintero. Líder camponês da Associação Camponesa do Catatumbo (*Ascamcat*), que integra a *Anzorc*. Faz parte da segunda geração de militantes rurais na família, em uma das regiões mais afetadas pelo paramilitarismo na Colômbia. Perdeu amigos e parentes no massacre de La Gabarra em 1999.

Wilman Gonzales Gutierrez. Camponês da região do Magdalena Medio e líder local da *ACVC*.

Orlando Orías. Camponês da Zona de Reserva Camponesa da Pérola Amazônica, no estado de Putumayo, ao sudoeste da Colômbia.

Jorge Gamboa. Sindicalista diretor da Central Unitária dos Trabalhadores (CUT) e membro da Comissão de Direitos Humanos e Paz da União Sindical Operária (USO), que representa trabalhadores petroleiros. Também faz parte do PCC.

Domingo Emilio Pérez. Prefeito de San Vicente del Caguán, cidade que fez parte da zona desmilitarizada dos diálogos de Caguán, entre FARC e governo, nos 1980. Em 2013, o município sediou o III Encontro de Zonas de Reserva Camponesa. Pérez participou do encontro.

Maria José Villota. Defensora de Direitos Humanos no estado de Nariño, sul colombiano. É membro do CPDH, do Movice e da Marcha Patriótica.

Andrés Felipe Morales. Membro da coordenação da Associação de Trabalhadores Camponeses do Huíla (ATCH).

Harrison Castañeda. Advogado, defensor de Direitos Humanos, fundou o coletivo Hijos del Sur, que integra a Marcha Patriótica e o PCC. Trabalha em áreas rurais do país, acompanhando as

mobilizações camponesas, especialmente na região do Magdalena Medio.

Elias Fonseca. Professor, diretor da Federação Colombiana de Educadores, filiado ao Polo Democrático Alternativo.

3.1.2.3 Entrevistas por e-mail

Álvaro Forero. Porta-voz da Associação Colombiana de Estudantes Universitários (ACEU) e da MANE, além de ser representante dos estudantes de instituições privadas. Participa ainda da Juventude Comunista (JUCO) e da Marcha Patriótica.

Jennifer Chavarro. Estudante de Jornalismo no estado de Huila, participa da Associação de Atingidos pelo Projeto Hidrelétrico El Quimbo (Asoquimbo).

3.1.3 Eventos

Participar de mobilizações, encontros e reuniões foi essencial para nos aproximarmos do movimento social colombiano. Boa parte das que presenciamos estivemos acompanhados de conhecidos do país. Alguns eventos, porém, devido ao tamanho pudemos chegar e acompanhar por conta própria.

Marcha pela paz com justiça social e defesa do público / 9 abril de 2013

O assassinato do candidato à presidente Jorge Eliécer Gaitán, em 1948, foi lembrado neste ano com uma marcha de um milhão de pessoas pelas ruas de Bogotá, que pediam paz com justiça social e apoiavam os diálogos de paz de Havana. A Marcha Patriótica convocou inicialmente a manifestação, que reuniu delegações de todas as partes do país. Outros movimentos de esquerda também aderiram e, poucos dias antes, o presidente Juan Manuel Santos também anunciou que participaria. Eram milhares de camponeses, indígenas, trabalhadores, estudantes, associações de bairro, militantes de diferentes movimentos políticos e de direitos humanos, entre outros.

III Encontro Nacional de Zonas de Reserva Camponesa / 22 e 23 de março de 2013

Para discutir um tema prioritário dos diálogos de paz de Havana, organizações camponesas de todo o país reuniram-se, nos dias 22 e 23 de março, no terceiro encontro de ZRC, em San Vicente del Caguán, ao sul do país. A cidade, entrada da Amazônia colombiana, recebeu cerca de 3.000 camponeses que buscam maneiras de fortalecer as iniciativas da Associação Nacional de Zonas de Reserva Camponesa (Anzorc).

Lançamento das Constituintes pela Paz / 20 de fevereiro de 2013

No dia 20 de fevereiro, mais de mil organizações colombianas, entre camponesas, indígenas, afrodescendentes, estudantis e de direitos humanos, lançaram o processo nacional das Constituintes pela Paz com Justiça Social, que é impulsionado pelo movimento político e social Marcha Patriótica. Durante o ano, estão sendo realizadas assembleias constituintes em todos os 32 estados do país com a intenção de acumular experiência política da sociedade civil a partir de discussões sobre possíveis soluções para os conflitos sociais e armado na Colômbia. Entre assembleias locais, regionais e temáticas, devem acontecer mais de cem encontros.

Constituinte municipal pela paz com justiça social na cidade San Pablo, no Magdalena Medio / 9 e 10 de março de 2013

Em 9 e 10 de março, a ACVC e outras organizações camponesas organizaram a constituinte em San Pablo, de 30 mil habitantes, em uma região de forte disputa entre paramilitares, militares e guerrilhas. No primeiro dia foram realizadas oficinas sobre o processo das Constituintes e no segundo foi elaborado o mandato popular da cidade. Participaram centenas de camponeses, com acompanhamento de representantes da Marcha Patriótica, Defensoria Pública e prefeitura.

Greve de trabalhadores na UN / fevereiro e março de 2013

Os trabalhadores da Universidade Nacional de Bogotá estiveram em greve por quase um mês, entre fevereiro e março, exigindo reajuste

salarial e maior participação nos órgãos de direção da instituição. Os estudantes apoiaram a greve e aproveitaram para pautar questões de fundo como o déficit orçamentário histórico que a UN vem acumulando há quase 20 anos, desde a aprovação da atual Lei Geral de Educação Superior.

“Encapuchados” na UN / 10 de abril

No dia de 10 de abril, um grupo de estudantes *encapuchados*, autointitulados *Estudiantes UN*, ocuparam o auditório central da universidade, onde realizaram uma mesa de debates com estudantes, professores e trabalhadores. Entre outras pautas, eles exigiam a renúncia do então reitor Ignacio Mantilla e a realização de um processo constituinte universitário.

Reunião Asoquimbo em La Jagua / 29 de março de 2013

Ao sul do estado de Huíla, nos municípios de Garzón e Gigante, a multinacional Emgesa está implementando um megaprojeto hidrelétrico chamado de El Quimbo, que prevê a construção de uma represa no rio Magdalena que inundaria uma área de 8,5 mil hectares. Para resistir à implantação da hidrelétrica, os camponeses criaram a Associação de Atingidos pelo Projeto Hidrelétrico El Quimbo (Asoquimbo), em 2008, quando a Emgesa ganhou a concessão. Participamos de uma das reuniões da Associação em La Jagua, uma localidade do município de Garzón, com pouco mais de

mil moradores, que terá grande parte da sua área inundada se o projeto for executado.

6º Encontro Nacional de Vítimas de Crimes de Estado / 6 de março de 2013

No dia 6 de março, o Movimento Nacional de Vítimas de Crimes de Estado (Movice) e outras organizações sociais, além de vítimas e familiares de vítimas de violência estatal, se encontraram no Teatro Jorge Eliécer Gaitán. Durante o evento, fizeram a entrega oficial aos integrantes da mesa de diálogos de Havana de um documento com as propostas das vítimas de crime de Estado para alcançar a paz no país.

Outros eventos

Também assistimos a uma videoconferência com os negociadores das FARC na mesa de diálogos de Havana, realizada no auditório Leon de Greiff, na Universidade Nacional de Bogotá, com a intermediação do professor Carlos Medina Gallego e a participação de centenas de estudantes. Em outra oportunidade, voltamos ao Leon de Greiff para um debate sobre a problemática da educação superior colombiana, motivada pela greve dos servidores técnico-administrativos.

Acompanhamos uma manhã do Congresso da CUT; uma peça de teatro sobre vítimas da violência no campo colombiano no Teatro de

La Candelaria, dirigida por Patricia Ariza; um curso para educadores populares promovido pela Marcha Patriótica em Barrancabermeja.

3.3 Redação e edição

Por mais que tivéssemos feito uma leitura de conjuntura fundamentada em notícias e textos teóricos sobre o país e seu momento histórico atual, o trabalho de pré-apuração da pauta se mostrou insuficiente. Muitos detalhes só fomos perceber depois de vivenciar a realidade colombiana. Encontramos um novo formato viável para nosso trabalho somente na volta ao Brasil. A proposta inicial, de produzir dez reportagens sobre diferentes setores dos movimentos sociais colombianos, foi drasticamente condensada.

O projeto atual contempla uma grande-reportagem (37 mil caracteres) sobre o movimento estudantil colombiano; uma grande-reportagem sobre a Colômbia agrária e o movimento camponês (66 mil carac.); uma grande-reportagem sobre direitos políticos e violações aos direitos humanos (88 mil carac.). Quando começamos a escrevê-las ainda não tínhamos certeza de qual seria a ordem adequada. Depois de finalizadas as três, não havia outra opção senão seguir a ordem na qual escrevemos. No final da reportagem “Educação pública”, abordamos a relação entre estudantes e camponeses, tratando da importância dessa aproximação para o atual momento de unidade da esquerda colombiana. Por isso, optamos por manter a reportagem “País rural” na sequência. Finalmente,

consideramos que o entendimento da disputa econômica e política que envolve o campo colombiano é fundamental para entender o histórico de violações de direitos humanos naquela parte do país, especialmente daquelas praticadas pelos grupos paramilitares. Daí a necessidade de essa reportagem anteceder a última, “Democracia”.

O principal desafio na formatação desta série de reportagens em um livro-reportagem foi também o motivo para a escolha do formato: fazer com que as reportagens, apesar de independentes - bem amarradas e estruturadas para “pararem em pé sozinhas” - contribuam, cada uma, com fragmentos de uma realidade maior e de um contexto histórico que formarão, ao final da leitura, uma visão global sobre a problemática colombiana. Para isso, nos apoiamos em Coimbra que sugere a aposta nas narrativas, no discurso das fontes, fragmentos que servem para “enraizar o texto na realidade”, transmitir verossimilhança ao leitor (COIMBRA, 1993, p. 74). Para dar conta do conceito de narrativa, nos baseamos na formulação mais ampla, elaborada por Sodré: “Narrativa, sabe-se, é todo e qualquer discurso capaz de evocar um mundo concebido como real, material e espiritual, situado em determinado espaço” (SODRÉ, 1986, p. 11).

Já com as pautas redefinidas, a dificuldade — talvez a maior durante todo o processo de produção — foi estruturar e escrever reportagens tão grandes. O piloto foi a reportagem sobre o movimento estudantil, a que nos tomou mais tempo. Até o momento na graduação, não tínhamos escrito reportagens de 30 mil ou mais caracteres. Além do tamanho, a não linearidade dos textos aumentou

a dificuldade em dar coesão e sentido às reportagens. O aprendizado executando a primeira grande-reportagem facilitou a otimização do tempo para as seguintes, sobre o movimento camponês e participação política, que têm cerca do dobro do tamanho e exigiu quase a metade do tempo dedicado.

Para superar essa dificuldade, bem como para redimensionar o projeto após a volta da Colômbia, a orientação da professora Gislene Silva foi fundamental. De fato, a escolha de nossa orientadora já havia sido motivada pelo grande aprendizado em texto que tivemos com ela em Redação IV. Assim como naquela disciplina, agora, evoluímos consideravelmente na capacidade de pensar e estruturar reportagens. As contribuições da professora para o encadeamento do texto em cada reportagem, especialmente na primeira, fizeram parte da construção da nossa própria fórmula de grande reportagem, testada na segunda e aperfeiçoada na terceira reportagem.

Das conversas com ela, também tiramos conclusões sobre a melhor maneira de tratar as fontes que aparecem mais de uma vez durante o texto, lembrando sempre o leitor sobre o cargo ou função. Em relação aos valores monetários que aparecem no texto sempre em dólares, escolhemos acompanhá-los sempre do seu equivalente em dólares.

Mas, ainda antes de poder começar a escrever, um problema que tivemos que superar durante os primeiros meses após a nossa volta foi a necessidade de transcrever todas as inúmeras entrevistas

que fizemos na Colômbia. Para superá-lo, tivemos, inclusive, de terceirizar algumas transcrições. Outra dificuldade foi o acesso a dados oficiais. As informações disponíveis sobre a Colômbia são extremamente fragmentadas e, constantemente, descontraídas. Muitas vezes, os dados apresentados em artigos e ensaios não têm a fonte citada, o que implica em um trabalho de checagem e recheagem que consome muito tempo.

Escrever em dupla foi outro desafio a ser superado. Nossa rotina de produção foi geralmente presencial e utilizando o *Google Docs* para editar simultaneamente o texto. Com exceção dos trechos de abertura e outros mais difíceis, quando escrevemos juntos, as demais partes são escritas por um, revisadas por outro, retomadas pelos dois posteriormente. Ou seja, o texto inteiro é literalmente produzido a quatro mãos. Com a matéria finalizada, não é mais possível dizer quem escreveu originalmente partes isoladas do texto. Claro que essa troca constante torna o processo mais lento. Toda decisão é discutida exaustivamente antes de ser tomada. Ter começado a produzir textos já na Colômbia, durante a apuração, facilitou o entrosamento. Percebemos que teríamos de evitar nossos estilos mais pessoais para encontrar uma voz comum que conversasse com o leitor durante todo o livro.

Diante da complexidade das histórias, a maioria muito chocantes e tristes, optamos por um texto enxuto, direto, valorizando os relatos das fontes e buscando equilibrá-los com informações mais brutas, como dados, leis, documentos, etc. Consideramos a narrativa

instrumento fundamental para desenvolver na prática do jornalismo suas potencialidades socializantes e humanizadoras, citadas por Genro Filho (2012), autor que estuda a relação do jornalismo com a sociedade capitalista, na perspectiva de uma sociedade sem classes — perspectiva essa, também compartilhada por nós. Ainda dialogando com Genro Filho, atentamos para seu apontamento de que não vale a pena substituir bom jornalismo por má literatura e que a meta deve ser articular harmonicamente os efeitos estéticos e jornalísticos (GENRO FILHO, 2012, p. 211-12).

Tendo em conta esta última afirmação de Genro Filho e após discussão com nossa orientadora, tomamos uma decisão editorial que foi decisiva para o tom, o nível de profundidade das reportagens. Para nós, quanto mais próxima do leitor comum for a linguagem jornalística, mais faz sentido o produto jornalístico. Queremos fazer um jornalismo acessível a todos públicos. Porém, apesar dos esforços com a linguagem, é preciso reconhecer que o próprio tema do livro limita o alcance do trabalho. Assim, sabemos que nossa decisão de produzir um material extenso e aprofundado pode restringir o público àqueles que já acompanham ou ao menos se interessam pela trajetória dos movimentos sociais latino-americanos.

A professora Gislene leu, pelo menos uma vez, todos os textos do trabalho, os quais íamos entregando assim que finalizados. Problematizamos, a partir das detalhadas considerações e sugestões dela, todos os itens de redação e edição das reportagens aqui anteriormente citados. Nosso último encontro de orientação foi para

tratar da edição e da coesão interna do livro. Decidimos ao levar ao sumário apenas os títulos principais das três reportagens: “Educação Pública, A faísca para o movimento social colombiano”; “País Rural, Tanta terra sem gente, tanta gente sem terra”; e “Democracia: A mais antiga e mais sangrenta da América Latina”. Os intertítulos foram pensados como recurso para a cadência e fluidez do texto (como acontece em jornais e revistas) e não necessariamente como anúncio de blocos de assuntos (subtítulos de livros). Quanto ao idioma, optamos pelo espanhol para tentar trazer ao leitor, em doses homeopáticas, o ambiente do país através do idioma nativo, seja com gritos de guerra e palavras de ordem ou com construções frasais simples e típicas do idioma.

Para finalizar o TCC, não nos preocupamos com a diagramação do livro porque temos a perspectiva real de publicação do trabalho em pelo menos duas editoras, que se responsabilizariam pelo projeto gráfico. Deste modo, apenas submetemos o texto à banca avaliadora.

3.4 Custos

Durante a apuração na Colômbia, gastamos aproximadamente de R\$ 5.812,00, cuja composição está estimada na tabela de gastos que segue. Os valores de alimentação, locomoção interna e interurbana são aproximados, pois não fizemos um controle estrito dos custos de cada um desses itens. Não incluímos nesta

tabela os valores dos equipamentos necessários (notebooks, HD externo, câmera fotográfica), pois utilizamos os nossos próprios:

CATEGORIA	DESCRIÇÃO	VALOR ESTIMADO
Transporte	02 passagens aéreas (Bogotá-Florianópolis) *;	R\$ 3412,00
	custos de locomoção em Bogotá (táxi e ônibus);	R\$ 400,00
	Custo estimado de passagens para deslocamento entre Bogotá e cidades do interior para apuração	R\$ 500,00
Demais custos	Alimentação por 52 dias	R\$ 1000,00
	Acomodação por 52 dias	R\$ 400,00
	Internet e telefone por 52 dias	R\$ 100,00

* Estivemos em Cuba, entre 18 de janeiro e 08 de fevereiro, participando da 20ª Brigada Sul-Americana de Solidariedade a Cuba, organizada pelo Instituto Cubano de Amizade com os Povos. Na volta de Cuba, passamos pela Venezuela e fomos por terra até Bogotá, em um “mochilão” de aproximadamente 15 dias. Por isso, na tabela de custos do TCC, incluímos somente os custos das passagens de volta Bogotá-Florianópolis.

4. APRENDIZADO

No último ano estivemos envolvidos no trabalho mais desafiador da nossa graduação e, até o momento, da nossa vida. O aprendizado acumulado nessa trajetória percorrida, assim como os contatos feitos, as referências criadas, foram fundamentais para darmos o pontapé inicial em projetos futuros na área do jornalismo. O trabalho de conclusão de curso acabou servindo mesmo como uma ponte, uma transição, um pouco lenta, é bem verdade, da vida acadêmica para uma vida profissional engajada nas mudanças que o nosso continente latino-americano necessita. Estamos saindo da graduação mais convictos do que nunca de que o jornalismo, a reportagem, como bem disse Adelmo Genro Filho, têm um grande potencial revolucionário. Mais do que isso, esse período transitório serviu para abrir portas, agregar pessoas, companheiros e companheiras que, assim como nós, acreditam em um jornalismo alternativo aos grandes monopólios empresariais — jornalismo que se diferencia por refletir a sociedade vivenciada pelas maiorias, atualmente escanteadas, estigmatizadas e desencorajadas pelo discurso jornalístico padrão.

Conseguimos, mesmo que sem muito planejamento e contando também com sorte, fazer da nossa passagem pela universidade um laboratório de ideias, com tentativas, erros e acertos, com esforços conjuntos, cooperativos em vez de competitivos, de buscar meios de fazer jornalismo. O período de TCC teve um grande papel nesse processo. Foi quando mais

crecemos enquanto repórteres, ganhamos em vivência, aprendemos a pensar em um processo de produção jornalística na sua totalidade, a viabilizá-lo com colaboração de parceiros. Aprendemos a mensurar melhor nossa capacidade de trabalho, a fazer planos mais realistas, a prezar pela materialização de objetivos no curto prazo, sem perder de vista os de médio e de longo prazo.

Sair do nosso país, da nossa realidade cotidiana, dos espaços que dominamos e conhecemos bem, para explorar uma conjuntura tão diversa e complexa como a da Colômbia, foi outro grande aprendizado. Antes de poder escrever qualquer coisa sobre aquele país, foi preciso dar conta de entender o básico.

Sempre que esbarramos em falta de experiência ou mesmo de conhecimento, pudemos contar com a professora Gislene. Não à toa a convidamos para ser nossa orientadora. Antes do TCC, já tínhamos convivido com ela nas disciplinas de Teoria e Métodos de Pesquisa em Comunicação I, Redação IV, Técnicas de Projeto em Comunicação e Crítica de Mídia. Os encontros com a professora durante o semestre, para discutir o andamento do projeto, serviram para percebermos erros que havíamos deixado passar batido e, sobretudo, para pensar a estrutura de cada reportagem e o livro como um todo.

Foi a própria Gislene quem nos alertou sobre as particularidades do trabalho em dupla. Uma conclusão que temos, ao final desse processo, é que trabalhar em parceria foi sim proveitoso, principalmente por conta da complexidade do tema. Estivemos

estudando e discutindo quase que incessantemente, por vezes contrapondo pontos de vista, buscando chegar a melhor compreensão sobre a realidade colombiana. A apuração em locais perigosos, onde sabíamos que poderíamos sofrer ameaças e colocar nossa segurança em risco, também foi mais facilmente superada em dupla.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BANDEIRA, Luiz Alberto Moniz. Geopolítica e política exterior: Estados Unidos, Brasil e América do Sul. Brasília: Fundação Alexandre de Gusmão, 2009.

COIMBRA, Oswaldo. O texto da reportagem impressa. São Paulo: Ática, 1993.

GALEANO, Eduardo. As veias abertas da América Latina. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.

GENRO FILHO, Adelmo. O segredo da pirâmide: para uma teoria marxista do jornalismo. Série Jornalismo a Rigor. V. 6. Florianópolis: Insular, 2012.

SODRÉ, Muniz. Técnica de reportagem: notas sobre a narrativa jornalística / Muniz Sodré, Maria Helena Ferrari. São Paulo: Sumus, 1986.

OSPINA, Hernando Calvo. O terrorismo de Estado na Colômbia. Florianópolis: Insular, 2010.

